ANTROPOLOGIA

GT 2: TEORIA ANTROPOLOGICA

Sessão Única: Teoria antropológica Clássica e Contemporânea

“EU”, DEUS E OS OUTROS: A CONSTRUÇÃO DA PESSOA NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Allan Wine Santos Barbosa – UFSCar
Fomento: CNPq

Resumo: A questão da construção da pessoa, nas mais diversas dimensões da vida social, sempre esteve presente como um dos temas clássicos da antropologia. A conferência de Mauss sobre a categoria pessoa inaugurou toda uma linha de estudos que se debruçaram sobre o assunto, tanto na sociedade moderna quanto nas não ocidentais. Nesse sentido, o presente trabalho visa discutir um desses processos de formação da noção de pessoa, a saber, a salvação. Esta pesquisa, gerada a partir de uma bolsa PIBIC, buscou apreender como uma denominação protestante histórica – a Adventista do Sétimo Dia – opera um processo de construção partindo de uma ideia específica de pessoa, quase que hobbesiana, permeada pelo conflito e pecado e marcadamente mundana, para a noção de “eleito”, próximo da divindade e capaz de receber o Perdão. Argumenta-se em especial que essa passagem, do “ímpio” ao “eleito” se dá menos através da crença do que da prática cristã e conformidade da vida do indivíduo com a Bíblia. Procura-se demonstrar também a centralidade de dois processos nessa transformação, o “reavivamento” e a “reforma”. O primeiro sendo um movimento de modificação de valores espirituais e o segundo um ímpeto de mudanças práticas. Propõe-se que esses dois elementos sejam os grandes operadores da construção da pessoa na cosmologia adventista e que tenham enorme influência na vida cotidiana e nas relações entre os fieis e o mundo. A análise faz grande uso dos trabalhos de Max Weber sobre a Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo e toda a obra de Louis Dumont, cujas teorias são de grande auxílio para a compreensão do papel dos valores na dinâmica social e seu impacto nos processos relacionados à pessoa e ao indivíduo. Outros autores que também abordaram a questão da pessoa no Brasil, como Roberto Damatta e Márcio Goldman, também são mobilizados para construir esse quadro geral da pessoa em relação à salvação no Adventismo.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) foi fundada a partir do movimento milerita em 1863, nos Estados Unidos, e tem como grande marca, além da observância do sábado, a crença na volta iminente de Cristo num futuro próximo. Disso decorre que a cosmologia adventista dá grande atenção aos elementos escatológicos e soteriológicos, principalmente quanto ao papel do ser humano em meio a esses acontecimentos. A origem da igreja remonta a quatro adeptos do milerismo: Ellen e Tiago White, Joseph Bates e John Andrews, que fundaram a IASD como uma igreja cuja missão seria construir uma congregação que se prepararia para o dia do Advento através da observância estrita das leis bíblicas. Nesse sentido, abordaremos aqui alguns desses preceitos, buscando formular um quadro geral de como ocorre a construção da noção de pessoa, em relação à perspectiva da Salvação e com os demais elementos da cosmologia adventista. Para fins de contextualização e localização de algumas ideias-chave, cabe

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

retornamos a algumas discussões levantadas por Louis Dumont em *O Individualismo* e por Max Weber na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* que permitirão lançar luz sobre diversos aspectos do protestantismo que são acionados numa série de formulações adventistas, principalmente concernentes ao individualismo moderno.

O cristianismo, quando de sua formação, se constituiu como uma doutrina cujo centro teórico e prático era em grande medida o indivíduo (DUMONT, 1993). Evidentemente seria um anacronismo projetar nos primeiros séculos do credo cristão as noções modernas de individualismo, profundamente pautadas em elementos da filosofia do Esclarecimento e da economia liberal; entretanto, como argumenta Dumont (*idem*), já se podia apontar uma série de elementos iniciais concernentes à relação entre o transcendente e o mundano que dariam base à formação da ideologia individualista moderna. A similaridade lógica desse cristão “primitivo” com o Indivíduo-fora-mundo indiano, discutido por Dumont em *Homo Hierarchicus*, é ressaltada pelo próprio autor; no cristianismo a alma individual recebe todo seu valor de Deus, e a comunidade, isto é, o social existe na forma da união dessas almas individuais em torno de Cristo. É visível nesse pressuposto uma acentuada desvalorização do mundo e uma supervalorização da comunhão entre indivíduo e Deus e entre os indivíduos em Deus. Além disso, a igualdade desses fiéis aos olhos da divindade também é um aspecto importante, principalmente numa ordem social que conheceria a igualdade como instituição apenas dali a mais de doze séculos. É bem verdade que essa igualdade inicial se constituía apenas no plano extramundano, mas sendo este, por definição, o domínio hierarquicamente superior, é possível dizer que o cristianismo realizou um movimento de ruptura do conceito do Ser sem precedentes. A Salvação não fugiu à regra e também se constituiu sob esses postulados da superioridade do transcendental, dado que passou a ser um movimento interior, pessoal e alcançada apenas no plano espiritual.

Em termos sociológicos, a emancipação do indivíduo por uma transcendência pessoal, e a união de indivíduos-fora-do-mundo numa comunidade que caminha na Terra, mas tem seu coração no Céu, eis, talvez, uma fórmula passível, do cristianismo. (DUMONT, 1993: 44).

Somado a essa mudança, é importante chamar atenção para o deslocamento de questões referentes à obtenção da Salvação. Aqui seguiremos o argumento de Jonathan Parry, que separa a análise religiosa da Salvação em duas chaves. Haveria, segundo o autor, as religiões tribais, que

[...] are not salvation religions; and in those which are, ‘compensation for suffering is meted out in the other world irrespective of the actor’s behavior in this

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

world. (...) The kingdom of heaven is for saint and sinner alike'. (PARRY, 1985: 467.)

Nessas sociedades as sanções por transgressões morais ocorrem mais frequentemente por vias seculares ou, quando ofensa é de cunho religioso, por punições sobrenaturais imediatas ao invés de promessas de sofrimento na vida após a morte, como bem exemplifica Mauss em seu artigo sobre “O efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade” (MAUSS, 2003). Essa configuração contrasta com o modelo das religiões mundiais (*world religions*), em que ocorre uma eticização (o conceito é de Parry) das ações sociais, isto é, a religião operando a categorização das ações *moralmente* boas ou más como ações *religiosamente* boas ou más. Em consequência, elaboram-se noções como pecado e mérito religioso, que promovem a determinação do destino do indivíduo após sua morte: Paraíso aos justos e Inferno para os pecadores (PARRY, *idem*). Mais à frente será abordado como essas noções são mobilizadas pelo Adventismo.

A partir da interação entre essa nova categoria da pessoa cristã e os fundamentos do direito romano, assim como do estoicismo, dada a compatibilidade de uma série de valores, se constituiu aquilo que Mauss chamou de pessoa como fato moral (MAUSS, 2003: 390), que inaugura ideais de autonomia e da completude da pessoa, ou seja, esta se constituindo como um todo em si mesma em razão de sua concepção à imagem da totalidade por excelência: Deus. Não entraremos aqui no período compreendido entre a fundação da Igreja Católica como instituição e a “reforma”, embora Dumont ressalte diversos movimentos concernentes à relação entre as dimensões da política e da religião que influenciariam o lugar do fiel no mundo e sua relação com a Igreja como mediadora de sua relação com Deus⁶.

A “reforma”, por sua vez, modificou diversos aspectos do catolicismo medieval, retornando em alguns pontos aos ideais do cristianismo primitivo e formulando novas ideias em outros, principalmente quanto à relação entre o indivíduo e a divindade⁷. É curioso o fato de Dumont não discutir muito a influência de Lutero nesse movimento, embora Calvino seja tema de maiores discussões. É possível que o autor tenha encarado a doutrina da vocação (*beruf*) como um elemento potencialmente hierarquizante e contrário à autodeterminação individual promovida por diversas ideias, principalmente

⁶ Para maiores informações, ver DUMONT, 1993, especialmente capítulos I e II, e PARRY, 1998: 168.

⁷ Utilizamos aqui o termo divindade no sentido amplo, isto é, compreendendo Deus, Jesus e o Espírito Santo que, embora compondo uma única pessoa transcendente, invocam formas distintas de relação com os fieis, principalmente através da oração e da ação no mundo.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

filosóficas, desenvolvidas no seio do próprio catolicismo. Para tentar suprir essa lacuna pode-se utilizar as reflexões de Max Weber, principalmente quanto à forma pela qual o fiel interage com a divindade, que é central nas teses de Lutero.

Em primeiro lugar, a justificação pela fé, que surge a Lutero através da inspiração das epístolas do apóstolo Paulo⁸, se funda no pressuposto de que as ações humanas nada podem acrescentar à justeza da avaliação divina de cada indivíduo, isto é, o fiel não mais deve ter as obras como pilar de sua salvação, mas a vivência e crença individual em conformidade com os desígnios da divindade (explicitados na Bíblia). Isso implica na aceitação do “Plano de Deus”, incluindo a vocação do indivíduo, que define o modo pelo qual este age no mundo. Em consequência, qualquer tentativa de promover a salvação deve se dar apenas no plano terreno, pois a essência da vocação é o trabalho, e não o isolamento dos mosteiros ou o afastamento do mundo. Por conta disso,

[...] a conduta de vida monástica é encarada não só como evidentemente sem valor para a justificação perante Deus, mas também como produto de uma egoística falta de amor que se esquiva aos deveres do mundo. Em contraste com isso, o trabalho profissional mundano aparece como expressão exterior do amor ao próximo[...] (WEBER, 2004: 73).

Fica clara a operação feita por Lutero, que desloca o eixo da Salvação de um foco no plano transcendente, onde o indivíduo deve negar a ordem essencialmente pecadora deste mundo e se voltar para o reino do céu (à maneira do renunciante indiano), para um ímpeto absolutamente mundano e que coloca a ação no mundo, permeada pelo desígnio divino, como grande legitimador da justificação da pessoa. Nesse sentido, os processos de construção da pessoa passam a remeter de forma mais evidente ao trabalho e à disciplina, assim como ao trabalho missionário.

Um segundo ponto importante que o Luteranismo trouxe foi a supressão de qualquer intermediário entre a pessoa e a divindade. Enquanto no catolicismo o fiel acessava o divino por meio da Igreja, que operacionalizava a relação entre os dois domínios, transcendente e mundano, o protestantismo passa a conceber essa interação através da consciência individual, o que abre espaço ao desenvolvimento de uma série de noções de experiências religiosas fundadas na relação do “eu” com a divindade. Além disso, ocorre uma intensificação do auto reconhecimento da pessoa de sua singularidade, com destaque ao papel da oração nesse processo, aspecto bastante desenvolvido por diversas linhas protestantes posteriores.

⁸ “O justo viverá pela fé.” (Romanos 1:17).

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Se Dumont acaba por deixar Lutero um pouco à margem de sua análise, o mesmo não pode ser dito de Calvino. O reformador genebrino desempenhou um papel ainda mais notável no desenvolvimento do individualismo. Em sua “reforma”, Calvino uniu de forma última o indivíduo ao mundo, sendo que este passa a agir materialmente com plena ligação ao transcendente e guiado por valores individualistas já desenvolvidos. Diferentemente de Lutero, Calvino deu pouca ênfase à contemplação interior, sendo o foco central a ação mundana.

Enquanto para Lutero Deus é acessível pela fé, o Deus de Calvino é inatingível pelo homem e cabe a este unicamente agir por Sua vontade e para Sua glória. Essa “vontade suprema” se manifesta através da noção predestinação. Partindo de Lutero e sua rejeição da salvação pelas obras, Calvino foi ainda mais longe ao postular a completa impotência do indivíduo para buscar a própria salvação, e os desdobramentos deste pensamento são de grande importância na cosmologia adventista, como veremos adiante. Para Dumont isso acaba por intensificar os valores individualistas de ação no mundo, dado que passa a ser corrente uma concepção de humanidade dividida entre homens já eleitos e outros eminentemente condenados, embora haja apenas indícios de salvação, nunca uma certeza absoluta. A obrigação do eleito, nesse sentido, é agir para a glorificação de Deus, exercendo Sua vontade na ação, pois, como bem demonstra Weber, esta é a prova de que ele é efetivamente um eleito. O mundo deixa de ser um domínio antagônico ante o espiritual e passa a ser visto como o campo da ação e sujeição à vontade divina. Foi nesse sentido que Weber propôs seu conceito de ascese intramundana, pois a prosperidade econômica passa a ser encarada como uma prova da eleição, o que impulsiona uma série de valores que ecoarão em grande medida no domínio econômico servindo de constatação de que o indivíduo é de fato um eleito.

A partir desse quadro geral bastante resumido e simplificado, podemos iniciar a análise do adventismo. Em primeiro lugar cabe ressaltar a concepção, partilhada por diversas correntes protestantes, do mundo como um “campo de batalha” em que os indivíduos têm, obrigatoriamente, de se aproximarem de um dos dois lados: Satanás ou Deus. Essa concepção tem origem na narrativa do pecado original, onde o ser humano, obra prima criada à imagem e semelhança de Deus, acaba por cair em tentação e manchar sua essência com o pecado por conta de uma artimanha do “Inimigo”, isto é, Satanás. O pecado, na cosmologia adventista é concebido como uma “anomalia”, um estado destoante da constituição original da pessoa cuja maior implicação é o

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

afastamento de Deus e a aproximação de Satanás. Em outras palavras, o pecado é um operador (ou, como colocam os fiéis, uma “perversão”) que promove a modificação da constituição primordial do homem: a proximidade e semelhança de Deus. Com isso, é possível explicitar a definição nativa do indivíduo após a Queda como sendo essencialmente pecadora e marcada pelo conflito, morte⁹ e perigo constante da influência de Satanás, que faz aumentar cada vez mais o abismo que marca o distanciamento entre pessoa e divindade.

Dessa forma, a questão central para o credo adventista é como manejar essa noção de pessoa praticamente hobbesiana, marcada pelo conflito e por uma natureza essencialmente má e pecadora, e buscar a superação dos obstáculos colocados pelo Inimigo nesse mundo para impedir qualquer reconexão do homem com a divindade. A Bíblia é o grande conjunto de ensinamentos histórico-morais que contém as respostas para esse dilema. A interpretação adventista das escrituras, a qual os fiéis defendem ser absolutamente original em relação às demais correntes cristãs, se preocupa com os detalhes e nuances que permitam compreender o plano de Deus para o homem e como colocá-lo em ação nas vidas cotidianas de cada fiel. Em primeiro lugar, há a ideia do sacrifício como uma forma de reestabelecimento do contato entre homem e divindade rompido pelo pecado. Entretanto, é importante ressaltar que há dois tipos de sacrifício nessa chave: os sacrifícios de cordeiros realizados nos tempos antigos do Velho Testamento que agiam como “símbolos” do verdadeiro Cordeiro, Jesus Cristo (que é concebido como o grande elo entre divindade e humanidade); e a figura do próprio Cordeiro, que constitui o arquétipo máximo do sacrifício, ou seja, a própria ligação entre Deus e o homem. A história da analogia entre filho e cordeiro remonta ao período logo após a Queda, em que Deus instituiu o sacrifício como obrigação humana visando fazer com que o homem sentisse dor análoga à Sua perda. Como essa perda sofrida por Deus foi de um filho (Adão), a instituição implica que o homem também sacrifique um filho. Em outras palavras, opera-se um sacrifício de valor máximo e material (um filho) contra uma dívida imaterial que, no limite, é impagável por vias humanas; um esquema semelhante ao descrito por Lanna a respeito do compadrio (LANNA, 2009). O exemplo máximo dessa lógica é a narrativa bíblica de Abraão e seu filho, Isaac, em que Deus exige do primeiro o sacrifício do segundo, pedido ao qual os dois personagens logo se

⁹ É bastante interessante a questão da morte nessa narrativa, pois após a Queda de Adão e Eva ambos se envergonharam de sua nudez e se esconderam. Deus, então, buscou um cordeiro e o matou para fabricar roupas, que foram dadas aos dois. É essa a associação entre pecado e morte: a consequência do primeiro é o aparecimento do segundo.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

colocam a cumprir. Frente à tamanha disposição e aceitação de Sua vontade, Deus se compadece e promove a substituição do filho pelo cordeiro, a ser sacrificado regularmente em ritual realizado no Santuário¹⁰. Porém o importante a se extrair dessa narrativa não é a simples substituição do filho pelo cordeiro, mas a alteração de um sacrifício humano para um sacrifício divino, pois o cordeiro a ser morto no Templo opera como um “símbolo” do sacrifício do próprio Jesus Cristo. É fundamental apreender que isso implica no fato, muito ressaltado no adventismo, de que o ser humano jamais pode, por si próprio, alcançar a Salvação ou realizar um sacrifício à altura de Deus. Frente a essa situação é que Deus oferece um sacrifício efetivo: seu próprio filho.

Percebe-se que o sacrifício resolve a problemática da relação entre o humano e o divino, mas o problema da Salvação em si permanece em aberto, já que não basta sanar a dívida com a divindade para ser salvo. Além disso, fica a pergunta do porquê o sacrifício deixa de ser uma obrigação do indivíduo a partir do Novo Testamento. Ora, explicação para isso é que, devido à grande bondade de Deus, este envia para a Terra, como parte de um plano prévio para o “resgate da humanidade”, seu próprio filho. A morte de Cristo na cruz é, dessa forma, o acontecimento maior no adventismo, pois marca a dádiva da graça feita por Deus, que é justamente o elemento que permite ao humano atingir a Salvação. Percebe-se nesta lógica que sacrifício, dádiva e salvação se colocam numa mesma chave e fazem parte de um mesmo processo cosmológico. O Sacrifício na cruz, de ordem incomensuravelmente maior que os sacrifícios realizados pelos fieis, é entendido como uma “transferência de culpa” do humano para a divindade que, ao pagar o débito transcendental implicado nessa culpa, suspende toda necessidade de futuros sacrifícios e institui a possibilidade do indivíduo finalmente se focar na Salvação, pois, embora livre de dívida com a divindade, sua essência pecadora permanece e apenas através da graça pode ser superada.

Aqui entramos finalmente na discussão da relação entre os dois elementos fundamentais da construção da pessoa adventista: “reavivamento” e “reforma”. Livre para operar em si mesmo o movimento de busca pela Salvação, o indivíduo deve realizar apenas um ato, como enfatizado pelos próprios fieis, a saber, aceitar a graça. A

¹⁰ A noção de santuário é bastante importante na cosmologia adventista, mas não a abordaremos a fundo aqui. Cabe apenas esclarecer que se trata da essência do templo, pois o santuário terrestre busca firmar uma relação de continuidade com o Santuário celestial. Essa relação perde sua função quando da morte de Cristo na cruz em que ele próprio se torna o Santuário, acessível ao indivíduo, por exemplo, na oração.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

noção de graça é análoga à ideia de dádiva divina, isto é, um “dom de Deus”, devido ao fato de que o retorno do humano à sua condição original é uma capacidade exclusiva da divindade. No catolicismo, diferentemente, quem faz este movimento de dádiva é o padrinho (cf. LANNA, 2009). Ora, extrai-se desse pensamento a importante implicação, acima citada, de que o indivíduo é completamente incapaz de se salvar, cabendo a si meramente aceitar a oferta feita pelo Cristo na cruz e receber a graça de Deus.

Partindo do pressuposto que toda dádiva implica em reciprocidade, seja nesta vida ou num momento posterior, como, além do próprio Mauss, demonstra Parry ao discutir o *dana* indiano (PARRY, 1986), a graça também implica num processo individual. Assim como não se alcança a Salvação pela via da fé¹¹ ou das obras simplesmente, a Salvação pela graça pressupõe imbricação desses três elementos: fé, obras e graça. Se o indivíduo não pode se salvar, a primeira consequência lógica a lhe ocorrer é que ele necessita de Deus, ou melhor, do Espírito Santo¹² para lhe imprimir a condição de justo, ou seja, o primeiro passo do processo é a aceitação da agência da divindade sobre a pessoa. Essa atitude é denominada “reavivamento”, pois representa um sopro espiritual na vida do indivíduo. É interessante ressaltar que essa primeira etapa é de caráter puramente espiritual e, a rigor, não implica em modificações práticas na vida do indivíduo, embora tenha como consequência a formação de uma “nova pessoa”, que é apreendida pelos fiéis de forma completamente diferente e da qual é esperada a manifestação de uma profunda humildade para possibilitar a agência do Espírito Santo. Os fiéis chegam a até mesmo condenar aqueles que iniciam o processo por promessas de mudança de vida e comportamento para uma atitude “santa”, ação que é considerada vazia e desprovida de mérito aos olhos de Deus, pois apenas faz mostrar o egoísmo natural do homem em buscar a Salvação através de sua própria agência quando na verdade basta que ele permita ao divino se manifestar em sua alma para que principie sua justificação.

Vimos como ocorre a “primeira etapa” do processo de superação da noção mundana de indivíduo, essencialmente pecadora e má, e a reaproximação entre humano e divindade na construção de uma nova pessoa habitada pelo Espírito Santo. Dado o princípio divino inalienável do livre-arbítrio, a decisão de realizar ou não o

¹¹ Nos grupos de estudos bíblicos é comum a crítica à proposição de Santo Agostinho de que “para o cristão basta crer”.

¹² A figura do Espírito Santo é o componente da pessoa divina que realiza todo contato entre divindade e humanidade, seja a nível do indivíduo ou do próprio mundo como um todo.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

“reavivamento” cabe inteiramente ao indivíduo e apenas a ele; a autodeterminação é um valor capital para as doutrinas protestantes e suas ramificações. Isso fica claro nas realizações de batismos, que ocorrem apenas quando a pessoa, consciente e determinada, resolve aceitar o “reavivamento” em sua alma.

Realizado o “reavivamento”, ocorre o desdobramento do processo, isto é, a “reforma”. Para este processo a presença de Deus na constituição do indivíduo é absolutamente indispensável, já que na realidade é Ele quem a opera. Reformar-se significa remodelar a vida prática cotidiana aos preceitos da Bíblia e cristalizar o *ethos* cristão na essência individual do ser. Esse movimento pressupõe de fato uma alteração da própria forma da pessoa, pois vai muito além da simples mudança de hábitos, englobando a conversão do indivíduo num instrumento da vontade de Deus, o que o coloca em conformidade com o plano Deste. Esse duplo movimento tem grande importância na escatologia adventista, pois possibilitam a compreensão da noção de “juízo investigativo”. O adventismo postula a ocorrência de um processo de julgamento, iniciado em 1844¹³, realizado por Deus através da análise dos registros individuais de cada alma em específico. A crença no juízo investigativo é uma das bases do Adventismo, mas não a exploraremos aqui, cabendo apenas dizer que, analogamente a um julgamento convencional, o indivíduo ocupará a posição de réu e terá de responder à acusação de ter sua alma manchada pelo pecado. Nesse momento duas situações são possíveis: o indivíduo pode nunca ter realizado o “reavivamento” e “reforma” e ter vivido sua vida alheio ao chamado de Deus (conservando sua constituição mundana da pessoa), e nesse caso ele é condenado como ímpio; ou ele pode se apresentar como uma pessoa reformada, cuja própria essência fora modificada pela presença de Jesus Cristo em sua constituição através da vida cristã. O segundo caso é o que nos interessa em maior medida, pois ele pressupõe uma noção de pessoa dual, que é o modelo do justo para o adventismo, em que o indivíduo é composto por sua essência humana (pecadora, é importante lembrar) e pela própria divindade na figura do Cristo; ora, se a acusação da mancha do pecado é plenamente válida para uma pessoa cuja essência seja simplesmente humana, ela não o é de forma alguma para Jesus, que jamais foi manchado pelo pecado. Como ambos, Jesus (aspecto puro da pessoa adventista) e indivíduo (aspecto pecador), compõem a pessoa reformada, a acusação perde seu caráter

¹³ Data que pontua o início da purificação do santuário celestial para o dia da expiação; também é o ano em que Guilherme Miller, fundador do movimento millerita, previu o retorno de Cristo. Depois se verificou que, na verdade, o ano marcara o início do processo do Advento, que passa atualmente por sua fase final.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

de verdade e não pode chegar a uma condenação. Essa dinâmica da pureza possui elementos hierárquicos, sendo que a transformação é, em realidade, um processo de englobamento do impuro pelo puro, a exemplo do que descreve Dumont sobre o caso hindu (DUMONT, 1988). O indivíduo, portanto, é classificado como justo e todo o processo ocorre sob os preceitos de absoluta justiça divina, o que é importante, pois a Salvação em si é entendida como um índice da justiça de Deus perante o universo, enquanto a agência de Cristo nesse processo é apreendida como um índice do amor de Deus para com o homem.

Lançada essa definição básica de “reforma”, podemos avançar em alguns pontos específicos nessa noção, que possui caráter definidor das ações individuais dentro e fora da igreja. Como os próprios fiéis postulam, a “reforma” é uma “lapidação” do ser, ou seja, envolve certa violência, uma torção voluntária da noção corrente e mundana do humano. O esforço, portanto, está localizado na vontade necessária para reformar-se, e aqui fica clara a dependência frente ao Cristo, pois ao indivíduo falta vontade e força para “fazer o bem” em sua vida, mesmo que seja essa verdadeiramente sua intenção. Ora, se a pessoa, mesmo assim decidida, é incapaz de realizar boas ações por si mesma, então vemos aparecer um cerceamento da noção de livre-arbítrio e autodeterminação individual. Esse elemento fortalece a ideia de que a parte que cabe ao indivíduo no processo de Salvação é bastante reduzida (embora constituindo o movimento mais importante na concepção dos fiéis), se limitando apenas à vontade de se reavivar e reformar-se (o que implica na necessidade da humildade para tal); todos os demais movimentos são realizados por Deus, via Espírito Santo. A pessoa reavivada é composta simplesmente de vontade e Espírito, vontade esta que deve ser focalizada numa ideia de luta interior para vencer a tendência pecadora; enquanto a motivação desse movimento deve estar localizada no “desejo de não mais entristecer o coração daquele que tanto ama a humanidade”, como me colocou um fiel da igreja adventista central de São Carlos, interior de São Paulo. Caso diferente é a “reforma”, que desdobra esse processo numa espécie de “agência composta”, pois a despeito do fato de que o indivíduo é incapaz de agir para o bem, o reavivado já não é mais um simples indivíduo, ele abriga em seu ser um prolongamento do Espírito Santo que possibilita sua ação no sentido de conformidade com as leis bíblicas. Por conta disso, as ações do fiel reavivado tem capacidade de “reforma” e podem efetivamente modificar sua vida, suas relações com a família, com a política, com a igreja e com o próprio mundo, afastando qualquer possibilidade de ação de Satanás sobre seu ser.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Apesar disso, é importante esclarecer dois pontos. Primeiro, nem o “reavivamento” nem a “reforma” são garantias de salvação, mas etapas de um processo que pode tanto avançar quanto retroceder. Não são raros os casos de pessoas que direcionaram sua vida para a igreja, sentiram-se tocadas pelo Espírito Santo e buscaram reformar suas vidas, mas que após algum tempo acabaram se afastando disso tudo pelos mais diversos motivos. Sendo assim, não queremos construir uma falsa imagem que iguale pessoa reavivada e/ou reformada ao justo, pois se tratam de etapas diferentes de um mesmo movimento em direção à graça. Em segundo lugar, convém ressaltar que o “reavivamento” não é uma questão de aceitar o credo adventista. Muitas são as vezes em que os próprios fieis afirmam que pessoas de outras denominações cristãs estão no caminho da salvação por sua conduta em conformidade à Bíblia. De fato, para se reavivar é preciso aceitar que Deus se faça presente no ser individual, mas isso não implica a conversão ao adventismo ou mesmo o abandono de práticas ligadas a outras crenças. Isso fica claro quando analisamos a existência de comunidades adventistas judaicas e árabes que mantêm muitos ritos e costumes dessas religiões, mas que os resignificam dentro da cosmologia adventista.

Buscamos realizar neste trabalho um resumido panorama do processo de construção da pessoa na Igreja Adventista do Sétimo Dia, enfocando aspectos da cosmologia do próprio adventismo e das mudanças implicadas nesse movimento, espirituais e mundanas. Partindo dessa premissa, esperamos ter esclarecido como os domínios espiritual e material interagem e dão novos significados ao ser, modificando sua essência ao mesmo tempo em que o encaminha para a Salvação. Sendo esta uma questão de presença da divindade no indivíduo e da alteração das atitudes da pessoa no mundo visando o alcance da graça, a chave desse processo é muito mais o agir em acordo com a Palavra de Deus na Terra do que meramente a adesão ao credo, ao batismo ou aos demais ritos específicos da igreja. O adventismo como instituição se insere nesse contexto como um ambiente de congregação, estudo e compartilhamento de experiência, capaz de possibilitar e facilitar essa transformação individual de ímpio a justificado através do conhecimento e da doutrinação moral que permitirão a manifestação do Espírito Santo na pessoa. Conclui-se que o indivíduo adventista, que procura em sua vida se constituir como justo perante Deus, não é um ser simples e justificado pela fé ou pelas obras, mas um ente que busca sempre reestabelecer uma completude perdida. O humano completo, cujos únicos exemplos são Adão e Eva antes da Queda, é apreendido como um ser de essência dual que, ao pecar, quebrou sua

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

conexão com o divino e condenou-se a, até o dia do fechamento da Porta da Graça, buscar incessantemente pela recuperação da presença de Deus em si mesmo ou a arcar com a punição final por ter escolhido permanecer pecador a se reavivar e reformar.

Bibliografia

ALMEIDA, Ronaldo de. **A Igreja Universal e Seus Demônios**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus**. São Paulo: EDUSP, 1988.

_____. **O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da ideologia Moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____. **Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica**. Bauru: EDUSC, 2000.

DICK, Everett. **Fundadores da Mensagem**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

GOLDMAN, Marcio, 2003, “Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos. Etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia”, **Revista de Antropologia**, 46 (2): 445-476. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ra/v46n2/a12v46n2.pdf>>. Acesso em: 16 de Abril de 2014.

_____. “Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa”. In: **Alguma antropologia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, n. 14, junho 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782000000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de abril de 2014.

_____. A estrutura sacrificial do compadrio: uma ontologia da desigualdade? **Revista de Ciências Sociais Unisinos**, vol. 45, nº 1, janeiro/abril de 2009. Disponível em: revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/4880. Acesso em: 15 de abril de 2014.

LEIRNER, Piero de Camargo. **Hierarquia e Individualismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo de (org.). **Religiões e cidades**. São Paulo: Terceiro Nome.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

PARRY, Jonathan. "The Gift, the Indian Gift and the 'Indian Gift'". **Man** 21 (3): 463–67, 1986.

_____. Mauss, Dumont and the distinction between status and power. In: JAMES, W.; ALLEN, N. J. (org.). **Marcel Mauss: A Centenary Tribute**. New York: Berghahn Books, 1998. Pp. 151-172.

VILACA, Aparecida. Indivíduos celestes: cristianismo e parentesco em um grupo nativo da Amazônia. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, julho 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de Abril de 2014.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.